

VIDA FLUMINENSE

Folha Illustrada

ESCRITORIO
RUA DO OUVIDOR

32 - subrde - 32

CORTE

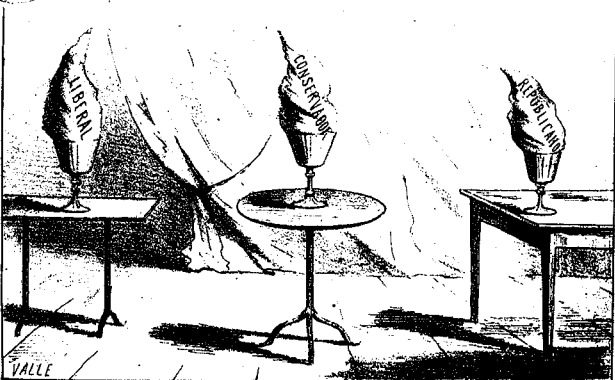
Trimestre
Semestre
Anno

58000
105000
205000

PROVINCIA

Semestre
Anno
Avulso

115000
215000
15000



*A actualidade da nossa politica.
(Que bom, se fosse sempre assim.)*

A VIDA FLUMINENSE

Rio, 14 de Outubro de 1871.

Por uma declaração e uma errata enceto eu hoje esta chronica, bem a pesar meu.

A declaração é esta:
Ha oito dias alguém mal intencionado ousou falsificar meu testamento, emittindo na publicação algumas das suas disposições póstimas.

Não obstante haver já apresentado minha queixa ao juiz competente contra o falsario, apresso-me em vir restabelecer a verdade, transcrevendo hoje tudo quanto foi então emittido.

Atteuem, portanto, os leitores isto que se segue com o que se publicou anteriormente, e terão conhecimento completo do modo porque deojo repartir minha minguada terça.

Deixo, pois:

Um quadro da Batalha do Campo Grande ao Sr. Victor Meirelles de Lima;

Um quadro da Passagem de Humaytá ao Dr. Pedro Americo de Figueiredo e Mello;

Um cata-vento a cada uma das moças de 15 a 20 annos;

Uma boneca que diga—papai e mamão—(sem precisar do aperto na barriga) a cada uma das Senhoras, de 20 a 40 annos;

Um rosario a cada uma das *peessôas* maiores de 50 annos (digo—*peessôas*— porque depois d'essa idade desaparecem as differenças do sexo);

Um travessieiro bem macio aos leitores do Ba-ta-clan, para adormecerem durante a leitura;

Um oculo do alcance aos do Jornal do Commercio, para poderem lêr e typo miudo;

Um frasco do vermouth aos dos outros jornaes, por causa das indigestões (melhos aos da Ordem do Perambuco para cada um dos quizes reservo um barril de alfazema);

Um bilhete preto da grande loteria da Hespanha a cada um dos assignantes da Vida Fluminense.

Muita saia para se coger ao Sr. Dr. André Rebouças;

Uma graciosa pepinica ao seu irmão o Sr. Dr. Antonio d'Almeida;

Um nariz de papelão ao Sr. Conselheiro Antão;

Uma campainha ao Sr. Conselheiro José Liberato Barrozo;

Um sobretado de duas vistas ao Sr. Conselheiro Pinto Lima;

Uma arroba do extracto do carne do Dr. Ubatuba a M^lle Aimée do Alcazar;

(Nota: *Ne confundatur*. O extracto é que é do referido doutor e não a carne).

Uma certidão de baptismo nacional a excellente prima dona a Sra. Maria Siebs;

O Campo do Sant'Anna á Sra. Delmarly para servir de jazigo eterno no pedago mais importante do seu corpo, com a seguinte inscripção:

Estendo a a fio comprido
Aqui jaz um enorme queixo,
Que não embue, nem partido,
Na Fabrica de Santo Aleixo.

...elegio que não se atraze muito ao empresario d'arcos Fluminenses;

Um dito de dito dito redido ao gerente da Companhia Ferry;

Meu olho direito (que é o menos torto dos dois que tenho); ao Dr. Chefe da Policia da Corte para *ver se vê* por onde andão os capoeiras que infestão a cidade;

Mil e seiscentos escravos a um tempo (podendo os ditos amplexos serem d'idos, tambem a um tempo, pelas crioulas libertadas);

Um bentinho ao Sr. Senador Candido Mendes de Almeida;

Uma polegada do pesengo ao Sr. Conselheiro Paranaquá;

Um elixir engraçado para tingir cabollos de negros velhos ao barbeiro Duarte Lima;

Uma penma de ganço... do Capitolio a cada um dos nossos criticos;

Um ovo de gallo velho ao Dr. Pinto Junior;

Uma mitra de (perda chôca) ao Monsenhor Pinto de Campos.

(Continúa).

A errata a que me referi supra é esta que segue:

Em vez de um *binoculo* ao Sr. Dr. Bulhões da Estrada de ferro e da ex-União e Industria, para esconder-se atraz d'elle durante a calurosa discussão travada entre a Metropolitana e as Vócas de D. Pedro II, devo lêr-se—"um *noestro*" ao Sr. Dr. Bulhões etc., etc. e pontifical.

Não quero com isto dizer que Sua Senhoria Engenhariaosa não careça tambem, e muito l de um *binoculo*,...esta deix' a parva, fica para mais tarde.

Por ora arranje-se o Sr. Dr. Bulhões (Antonio Maria) com o biombo, que é do que mais urgentemente necessita, enquanto ronca na imprensa encapellada o temporal Rebouças.

Tome tento com a escôta, Senhor doutor!

Sa fasso eu que o *escrevees*, havido do chamar-me—má lingua!

Entretanto foi o proprio Dr. *Semana Illustrada*, o cabelludo por excellencia, quem se retratou no seu numero de salbada ultimo.

E como? Querem sabel-o? Ah vai:

Na primeira pagina do referido numero *vê-se* um *mal de cocaine* com seus competentes premios, pendentes de um arco de pipa (...de *pipa*). Já veem que a causa começa a tornar-se significativa, por quanto são as pipas, na opinião de Brillat Savarin, apontadas como os barris, quartolas, aze-reias, garráfões, garrafas, botijas e frascos, em que se conserva a essencia mais fina, o espirito de mais elevado grau. (Vão *compre-heiando?*) (Vão, sim! Portanto, *peisigamos*.)

Pelo mastro acima o bellido doutor (doutor por não sei que academia da Alemanha) a subir, sobre, subir, que é mesmo um louvar a' Deus... e a es. *uma nota a este respeito; se quizerem lê-la...* a entender a mádozina direita e a pogar *quazi* (*quazi*, reparem bem) em um vidinho cheio da sal attico.

Tudo isto está lá desenhado. Se falta a verdade, cortem a cabeça do festejado folhetinista Guimarães Junior.

Não ilon a minha para cortar, porque não vale nem um pedaço da elle.

« *Continuar, como Oscar* »! dir-me-hão, e com tanta razão, que, sem mais preambulos, contino. Por haizo do desenhão, achão-se estas palavras: se figura screm proferidas pelo cepadocio do inoleque:

« AFINAL CONSEGUIO MEU NINHÃO O SEU
« DESIDERATUM ».

E por cima do desenhão, em letras d'este tamanho, fecton aqui marcando no desdo indiciador o tamanho das toes letras) está descrevação.

ENDECIMO ANNO

ou como querem outros auctores do grande conceito:

DECIMO-ONZIMO ANNO.

Ora, eis o que se vê na predita primeira pagina, do predito numero do sabado passado. Se me dão licença, farei as considerações, que o caso pede, depois das toes estrelinhas. Ah! vão as estrelinhas:

E ahí vão as considerações:

São largas, muito largas; mas para beneficio geral redus-as-lui ao pouco que se segue.

Como é que tu, oh moleque da *Semana*, tens o des-safre de dizer, em tom de lória, fallando do teu nhão, que só no *undecimo* anno conseguiu elle o seu miar-*Desideratam*; isto é: p-por *quasi* (preparado?) no sal attico? Mas, então, estouvado negrinho, com que *sal* temperou elle nos primeiros *dez annos* seu guistido de todos os sabados? Com o commum? Com esse: sal grosso, chamado do cozinha? Pois nem ao menos, uma vez ou outra, por excepção,.... Não? Mas esses segredos do casa não se dizem assim um publico, ual crendo creculo! Calá-se, muito bem caladinho!.....

E como é... (dirip-me agora ao leitor). E como é que o m-nomado doutor bellido consentiu eu ser desno-ralisado por tal fórma, e em plena *Semana*, pelo seu moleque?!!!!!!!

Então! Elles são brancos; lá se entendem!

Estudei muito o latin.

Não quero com isto dizer que o sei muito; não! Mas, graças á Providencia, sempre fiquei sabendo quan-

(?) Decoraes pensavao que havia mais? Ora! Ora!

to basta para.... fazer algumas citações, (e não me consta que elle sirva para mais nada n'este seculo do vapor e do petroleo).

Foi por isso que, ha dias, estando um amigo, e queixar-se de ter de adiar umas visitas urgentissimas, por haver-se esquecido o gravador *Domère* de preparar-lhe com tempo uns cartões de visita, disse-lhe eu, em pura lingua de Eutropio e Tito Livio:

— Meu caro, *quandoque bonus dormitat Domèrus*!

Salvini continú sua colheita de louros no theatro S. Pedro—

Corre-lhe tudo ás mil maravilhas: enclentes consecutivas, ovações continuas, enthusiasmo sempre crescente.

O publico tambem, como era para esperar, se acha satisfecitissimo da sua vida.

Quem, porem, não está lá muito contente com a cousa é a imprensa, que se vê obrigada a elogiar-o todos os dias, repetindo (já se vê) as mesmas considerações que tem feito tantas vezes por occasião das representações de outras peças, em que o eximio tragico deu copia de seu robusto talento.

Ha dias encontrei um folhetinista curvado sobre meida duzia de grossos volumes, pallido, de olhos encovados e com os cabellos em desalinho.

— Que leia? perguntei-lhe.

— Ha duas horas que manuseio o Constanco, o Moraes e o Faria! Maldictos dicionarios! Em nenhum encontro!

— O que?

— Ora o que hade ser!

— Francamente não sei.

— Mas donde vens tu, então? Por onde tens andado ha um mez? Enbuteceste-te a tal ponto que ignores que o que todos nós do jornalismo procuramos hoje com mais empenho no Rio de Janeiro é um... adjectivo qualificativo que ainda não tenha sido applicado ao Salvini?

Foi vêr o *Baile de Mascetas* no theatro de D. Pedro II.

— Foi e gostei da tudo e todos, menos das coristas femininas. D'essas não, palavra de honra!

E por causa d'ellas não comego agora essa opera semio como *Baile de Máscaras*.

Que proximas feias! Credo!

A. DE C.

Assumpção de varias côres.

E' fora de duvida para mim, hoje, que no Rio do Janeiro não ha ainda população sufficiente para manter seis theatros em serviço activo.

Embora as emprezas se lancem na promptificação de esportáculos atrevidos; embora se procura dar ao repertorio uma variedade, que nem sempre está de accordo com o tempo preciso para se estudar uma peça a





embora se renovem salas e se proceda á construção dos melhoramentos scenicos que o theatro moderno exige, tudo é balado.

Atribuido pela novidade o publico vai uma noite ao theatro que lhe apresenta, o na seguinte, se depara em qualquer canto da rua com o cartaz de outro theatro onde lhe offereçam coisa mais nova ainda, muda logo de rumo.

Segue-se d'ahi que, apezar de os theatros lutarem actualmente como nunca lutaram, nem um só pode cantar victoria.

Se da vez em quando enchem a sala; e fogem na esperança de continuar a enchê-la, — na noite seguinte a illusão desaparece e a sala fica ás moscas.

E sabem qual a razão principal de tudo isto?

E' que o gosto pelo theatro não está ainda completamente arraigado entre nós, o que só bem limitada parte da nossa sociedade frequenta as salas d'espectaculo, e essa parte, ainda, é sempre e invariavelmente a mesma.

Conclue-se de tudo quanto vai dito que: ou o publico tem de trocar as delicias de *menage* pelas seducções que os theatros lhe offerecem, ou que os theatros tem de reduzir-se ao numero que comporta a nossa população para que possam, ao menos, viver decentemente.

O theatro lyrico é uma necessidade reconhecida, e um divertimento que conta muitos proselytos entre nós.

E' innegavel que a actual companhia de canto italiano conta artistas que agradam, e elementos do que nem todas as emprezas dispõem. Pois bem: se exceptuarmos as primeiras representações de qualquer opera, ou a estreia de um artista novo, nas outras noites é coisa de encher o olho quando se dá com a terça parte dos logares occupados.

A associação artistica tem a mais robusta fé no resultado pecuniario que os *Huguenottes* devem dar. Não só pougou a ensaios; fez distribuição a mais acertada das partes de que a opera se compõe; mandou pintar todas as novas, confiou a musica do Meyerbeer ao desvolado zelo artistico do Angelo Agostini, — que soube imprimir-lhe colorido igual, ao que já tivemos outr'ora occasião de apreciar, — enfim, procurou ir muito alem do que seria licito esperar de uma empreza, cujos recursos se limitam tão somente ao modesto preço exigido pelos logares.

A casa hoje deve encher-se e a trabalhar...

Nos nas representações subsequentes....

Será, talvez, por não poder ser classificado entre os theatros que o Circo Chiariini canta victoria todas as noites?

Não sei; mas a verdade é que nem por lá faltam espectadores, nem a caixa deixa de receber diariamente boas moedas do cobre.... em papel.

Desde, então, que a familia Otton com suas cantigas, rapções, evoluções e equilibrios toro artes para magistral e publico, os espectáculos do Sr. Chiariini adquiriram tal voga que é mesmo um *louvar a Deus* ver

a ancia com que, ali pela volta das oito horas da noite, todos vão em demanda da rua do Espirito Santo.

Os medicos oculistas tem andando em papos de aranha nestes ultimos tempos.

As representações de *Morte civil*, da *Culpa punida pela culpa* e outras verdadeiras maravilhas d'arte, da que Sa. viñi só é capaz, tem commovido por tal sorte as damas e cavalheiros que frequentam o theatro de São Pedro, que, á força do chorar, a umas e outras tem sobrevivido algumas ligaduras inflammatórias d'olhos que o habil Dr. Gouvêa trata logo de curar com a costumada pericia e carinhoso cuidado.

Eu mesmo, que, em relação aos theatros, conheço desde a primeira até a ultima feelle, e que, além disso, não sou dos mais propensos ás lagrimas, não pude deixar de vertol-os copiosamente hontem á noite assistindo á exhibição da *Morte civil* representada por Salvini do sorte a ser preciso chama-lo á scena repetidas vezes para se ter a certeza de que elle não morreria ao findar da peça.

A estreia de tres dancarinas n'uma epocha em que, pelo menos, as algebras se mostram pouco dispostas a dançar, é um desses commettimentos destinados a provar cada vez mais as boas intenções da actual direcção do theatro francez.

Efectivamente o Dr. Mallat, enquanto não recebe o reforço que mestre Arnaud deve mandar-lhe da Europa, vai aproveitando tudo quanto lhe passa pela porta; e se a decantada Tautin não faz a esta hora parte da companhia do Alcazar, é que as suas exigencias foram por tal sorte *femininas* que, a accettil-as, o Dr. Mallat ver-se-hia reduzido á miseria d'entro de poucas mezes.

Para compensar essa *novidade abortida* restavos a intelligencia com que Mlle. Delmayr vai cantando o repertorio do Offenbach, e todos em perspectiva o prompto restabelecimento de Irma Marié, que mercê de Deus, já se acha em convalescença.

Estão na berra as figuras da obra.

Depois dos *bonds de Botafogo*, do *Jornal do Commercio* e das *Pôcas d'Alfanlega* não sei de emprezas que melhores resultados offereça ao seu emprezario.

E' um gosto ver a romaria que todos as noites vai caminhar do *Pavilhão* suborand'o anticipadamente as sensações que vai experimentar perante os horrores da *Communa*, os uculos do Thiers, e o bigode de Bismark!

Lá dentro, não fallamos! Forcem as exclamações, gaham todos a perfeição de algumas figuras, a semelhança de outras com os respectivos originaes, e há até suggestão que, fiel aos principios da legitimidade, calhe aos pés do Sr. D. Miguel de Bregança e espera extaculo que o *ce-rei...* de obra lá dá um ar de sua graça. Lá que as flunas illudem o ponto de se duvidar que tudo aquilo seja bonocos de maiores ou menores dimensões é questão fóra de duvida.

Eu mesmo cheguei a ter medo d'aquelle hospita

do sangue onde ha gente ferida, moribunda, e morta, uns estorcendo-se na mais cruetante dor, outras soluçando o derradeiro suspiro, e os outros transfigurados e lividos como cadáveres que realmente são, embora de cêra.

Entretanto posso garantir ao leitor que não enhi aos pés do Sr. D. Miguel de Bragança, pela simplicissima razão de que... nunca fui *miguelista*.

Re-metteram á redacção d'este semanario:

Um exemplar do diploma dos *Zuavos Caravalleiros*, fôrmoso trabalho typographico feito em Lisboa, e que abona em alto grão as officinas d'aquelle paiz:

Uma *recetio* do Achilles Arnaud escripta para piano, e editada pelo Imperial estabelecimento do Narcizo e Arthur Napoleão.

A cerca d'este ultimo trabalho, notavel pela elegancia do *motivo* principal e feito segundo as regras estabelecidas pela arte, pode affrontamento dizer-se que, alem de pianista excellente, é Achilles Arnaud um optimo compositor.

A. DE A.

As margaridas.

(Continuado do n. 193).

Então?... nada me responde, menina? Não comprehendia por acaso....

Por demais o comprehendia, disse Lazarina, e o meu silencio decia provar-lhe bem, minha senhora, que se enganava....

Faz, mal, menina. — Bem se vê que ainda é muito criança. Emfim, não insistirei mais. Se um dia mudar de d'opinião, lembre-se que moro na rua Theresia n. 19.

Madame Renneville levantou-se então da cadeira, e, um pouco desorientada, sahio da casa de Lazarina.

Alguns dias depois, achando-se a nossa heroína n'um dos camarotes da "Opera", um dos seus adoradores veio visitá-la. Após alguns momentos de conversação o visitante, olhando para um das camaradas do proscenio, pareceu admirado de ver um amigo que ultimamente perdiera de vista.

« Não ha que duvidar, é elle!

— Elle, quem? .. perguntou Lazarina.

« Um dos seus mais zelosos admiradores, Lazarina. Olhe... não está ven-lo... n'aquelle camarote do proscenio... um rapaz elegante, de gravata branca, bigo le retorcido...

— Sentado perto de uma senhora de vestido de seda cor de rosa?...

« Isso, isso mesmo.

— Não é feio rapaz?...

« Não é feio? !... Diga antes que é o Adonis mais completo da sua epocha, e o caracter mais amavel d'este mundo.

Além disso se soubesse como é entusiasta. Se soubesse como lhe admira o talento, sem esquecer a sua belleza typica, Lazarina!...

— Como se chama o seu amigo? — disse Lazarina.

« Como, pois ignora-o? Nunca lhe chegou aos ouvidos o enthusiasmo, e talvez o amor, que Lazarina soube inspirar ao duque de V.?

Lazarina corou, e, sem saber o motivo, lembrou-se immediatamente da Madame Renneville.

O duque de V. era moço bonito, e distincto. Lazarina sentia-se talvez disposta a amal-o, mas a visita da intermediaria abriu um abismo entre o seu amor e as pretensões pouco delicadas do duque.

Durante a noite inteira pensou Lazarina no homem que vira na "Opera", e que, embora gostasse d'elle, era obrigada a aborrecer.

Tres dias depois bateram á porta do Lazarina, e a criada veio annunciar nova visita do Madame Renneville.

« Diga-lhe que não estou em casa » exclamou a pobre rapariga quasi suffocada pela cula.

« Meu Deus! Não podia o duque apresentar-se em minha casa, fallar-me do seu amor, e procurar captivar-me o coração pela força de suas palavras, sem recorrer a tão ignobil expediente?!

Ao passo que isto se passava, não deixavam os ramalhetes e cartas do Duque de apparecer quotidianamente á mesma hora. Longe de calmarem a exstinguição nervosa de Lazarina, irritavam-na cada vez mais.

Alfim de pôr termo ás pretensões do duque, Lazarina queria deixar o theatro, retirar-se para uma cidade pequena, onde contava alguns parentes, e casar-se alli com algum rapaz simples e modesto, que, por meio do seu trabalho, lhe garantisse a subsistencia. Mas a nossa heroína vivera até então n'uma côta, que não lhe permitia a realisação de taes projectos de obscuridade e isolamento. E, depois, acharia ella um marido ao nivel da sua intelligencia e do seu modo de fallar? E, passados os primeiros tempos, não se lhe tornaria odiosa a idéa do casamento com a perspectiva de tres ou quatro filhos?...

(Continúa.)



Criouma gardo-formalistico-theatral.